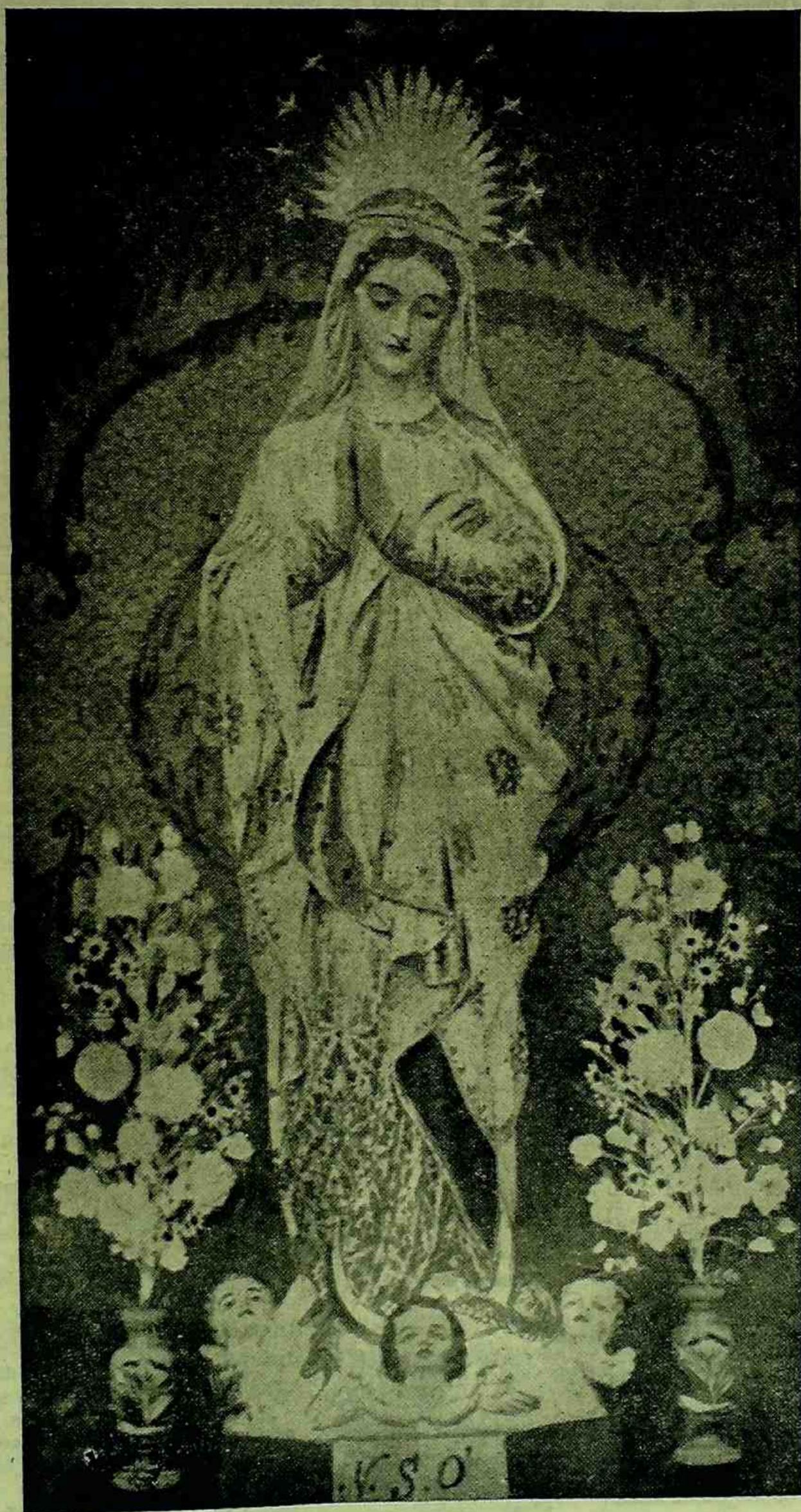


AVE MARIA

ANO LVIII ★ N.º 48

S. PAULO, 15-XII-1957



“E ao nome da Virgem da Expectação, o coração luso e brasileiro acrescentaram, com felicidade e poesia, outro título esperançado: Nossa Senhora do Ó.”

CUMPREM PROMESSAS E AGRADECEM FAVORES:

ITIPORANGA — Da. Maria Aparecida Degrandio, agradece graça a Sto. Antônio M. Claret, N. Sra. Aparecida e ao Sagrado Coração de Jesus.

RIO DAS PEDRAS — Sr. Luiz Ernesto G. Barrichello agradece a N. Sra. uma graça alcançada.

LONDRINA — Da. Adelaide dos Santos agradece a N. Sra. Aparecida e São Judas Tadeu varias graças alcançadas em favor de pessoas de sua família.

PRATINHA (M. G.) — Sr. Rufino Resende, agradece a N. Sra. Aparecida e Santo Antônio M. Claret uma graça em favor da menina Maria Neusa.

BELEM PARAIBA — Da. Sabina Mansur, agradece graça a São Benedito.

CARMO DA MATA



Menino Claudionôr Claret de Faria, favorecido por Santo Antônio Maria Claret e Nossa Senhora Aparecida.

DIVINÓPOLIS — Sr. José S. Ribeiro, em agradecimento a Santo Antônio M. Claret, envia 200,00 para as Vocações Claretinas.

OSVALDO CRUZ — Da. Irene M. Zanin, envia 100,00 para as Vocações Claretianas em agradecimento a Santo A. Maria Claret, a N. Sra. Aparecida e a São José.

MOGI DAS CRUZES — Sr. Eduardo Marques, agradece a São Judas Tadeu uma graça alcançada.

BOA ESPERANÇA — Da. M. Marta F. Brito, agradece a Santo Antônio Maria Claret e São Dimas graças alcançadas.

BARIRI — Uma devota agradece de todo coração aos santos de sua devoção o feliz êxito das operações que sofreu seu espôso na cabeça.

TAPIRAI (M. G.)



Sr. Olivério Ferreira Pedrosa, favorecido por Santo Antônio Maria Claret.

CAPITAL — Sr. Daniel Ti-beiro, agradece duas graças alcançadas por meio da novena das Três Ave Marias.

CAPITAL — Agradeço à alma de Madre Maria Clara do Menino Jesus, fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, a graça da conversão de duas pessoas que há muito haviam abandonado as práticas de nossas Santa Religião.



PADRES CLARETIANOS

ASSINATURAS:

Anual Cr\$ 70,00

Número avulso . . . Cr\$ 2,00

RED. E ADMINISTRAÇÃO:

R. Jaguaribe, 761 - Caixa 615

OFICINAS:

R. Martim Francisco, 646-656

Telefone 52-1956 - São Paulo

NOSSAS BOLSAS

Agradecem a Sto. Antônio M. Claret e cumprem promessas, auxiliando as Vocações:

Da. Maria Candida Baliero, de Diadema. — Sr. José Assis Vasconcelos, de Oragos. — Da. Geni Fernandes e Da. Ofenha Terra, de Arcos. — Sr. A. Araújo, de Resende. — Devota, de Machado. — Devota, do Divino. — Da. Gusneza A. Miguel, de Tupã. — Da. Yeda Maria Guerra, de Catanduva. — Da. Mirtes Pascoalino, de Ondina. — Sr. Luís Gonzaga Santos, de Ilícenia. Da. Brasilina B. Romaldi, de Bebedouro. — Da. Elisabeth Ferrari Manfredine, de Pínhai. — Da. Maria Rosa Colodel, de Curitiba. — Da. Maria das Dores Conrado, de Bom Despacho. — Da. N. Floripes Tules, de Diocese de Carangola. — Da. Lourdes Amêncio Melo, de Sacramento. — Sr. Adélio Alves, de Tupã. — Da. Maria Xavier, de Cascador. — Sr. Mitizi Pascoalino, de Andina. — Devota, de Franca. — Da. Maria Pacheco Leal, de Baurú, diversas graças. — Da. Maria Augusta de Souza, de Lavras. — Sr. Rangel Julio Pereira, de Caxambú. — Da. Ruth Conte e Da. Terezinha Rolli, de Leopoldina. — Da. Maria Denardi, de Uruguaiana, duas graças. — Da. Maria R. F. Fabroni, de Belo Horizonte, diversas graças, assinante, de Edrapora. — Da. Irene S. Monleon, de São Paulo. — Da. Marina M. Oliveira, de Rio de Janeiro. — Da. Ana Maria Lebino, de Piracicaba. — Da. Araci Gouvêa Costa, de Guarani. — Da. Ivone Pelinar, de Camporás. — Da. Teresa Rötter de Assis, de Orândia. — Da. Terezinha Malta, de Diamantina. — Da. Belermina Amero de Jesus, de Bragança Paulista. — Da. Maria Helena A. Bertali, de Tremembé. — Da. Maria de Lourdes Almeida, de Mestinópolis. — Da. Maria de L. Cruz, de São Paulo. Sr. Petroneto Bom Pastor, de Divinópolis. — Da. Marilisa B. de Sá, de Ribeirão Preto, em favor da filha. — Da. Maria M. Oliveira, de São Carlos, em favor de Valdomira e da filha. — Da. Ester Penscho e Da. Usamía Ferreira Cruz, de São Paulo.

Nossa Senhora da Expectação

No sétimo século, um dos Concílios de Toledo fixou a celebração da festa da Anunciação de Nossa Senhora a 18 de Dezembro, porque a 25 de Março essa comemoração se encontrava muitas vezes prejudicada pela Quaresma, tempo em que antigamente não havia celebrações festivas.

A pouco e pouco, todavia, voltou-se a comemorar, ainda apesar da Quaresma, a festa de 25 de Março. E a data de 18 de Dezembro ficou assinalada como uma data mariana.

E porque se situava nas imediações do Natal, a piedade cristã acertou em meditar afetuosamente a alegria silenciosa de Maria, a esperar o nascimento do Menino Jesus.

Assim a data se caracterizou na denominação — da festa da Expectação da Bemaventurada Virgem Maria.

Houve, todavia, um curioso pormenor.

Exatamente nesse tempo, o ofício litúrgico do Advento cresce em solenidade e vibração expectante.

E surgem, como flores radiosas exornando as próximas alegrias natalícias, as grandes antifonas O.

A Santa Igreja vibra, nessas antifonas, a esperança dos corações da Antiga Aliança, estendendo-a em modulações sonoras, que clamam pela vinda do Esperado:

— Ó Sabedoria, flor dos lábios do Altíssimo, que tudo dispondes com firmeza e abençoados com suavidade, vinde ensinar-nos vossos caminhos alcandorados!

— Ó Senhor e Chefe abençoado da Casa de Israel, que nos visitastes na sarça ardente

de Moisés e nos esplendores do Sinai, descei a redimir-nos com a fôrça de vosso braço!

— Ó Raiz de Jessé, segurança de tôdas as gentes, ante cujo poder emudecem os reis e se prosternam as nações, não tardeis em nossa libertação!

— Ó Chave de Davi, Cetro de Israel, que soberanamente abris e fechais, vinde levantar-nos do nosso cárcere, de nossas trevas, das sombras da morte!

— Ó Luz Oriente, eterno esplendor e Sol de justiça, refulgi sôbre os que se assentam nas trevas letais!

— Ó Rei Universal e Desejado, fulcro, segurança e unidade, salvai divinamente a quem de limo da terra formastes!

— Ó Emanuel, Deus conosco, Legislador e Esperança, Anseio e Libertação, vinde salvar-nos, Senhor Nosso Deus!

Como se uniria Nossa Senhora a êsses OO e clamores! Ela que, na pia observação do Pe. Vieira, era a Única a poder acrescentar:

— Ó Filho! Se assim Vos desejaram em tão dilatados anelos os patriarcas e profetas, como suspiro por Vós, Mãe venturosa, que Vos concebí em minhas entranhas e Vos hei de ver nascido em meus braços!

E ao nome da Virgem da Expectação, o coração luso e brasileiro acrescentaram, com felicidade e poesia, outro título esperançado: Nossa Senhora do Ó.

ESCREVEU

+ António Maria Alves de Sousa
Cano. Coadj.

Irradiações Marianas

MAIS DE 300.000 CATÓLICOS

reuniram-se em Varsovia para assistirem às cerimônias com que se festejou o dia mais importante do calendário religioso da Polônia — a passagem do 301 aniversário da coroação de Nossa Senhora como rainha da Polônia. Iniciaram-se os festejos com uma imponente procissão em volta das muralhas do mosteiro de Jasna Jora, cuja construção data da Idade Média — A data comemora também o 1.000.º aniversário da conversão da Polônia ao catolicismo.

A ORAÇÃO DO MUNDO OPERÁRIO

será rezada em Lourdes por milhares de militantes dos organismos operários da Ação Católica, de 15 a 17 de Agosto de 1958, quando forem participar do centenário das Aparições de Nossa Senhora.

NO DIA 22 DE NOVEMBRO

completaram-se 25 anos sobre a data em que Nossa Senhora apareceu em Beauraing, numa escola, revelando o seu Imaculado Coração e a sua mensagem de apostolado. Os benfeitores de todas as paróquias da diocese de Namur (Bélgica) estiveram reunidos em Beauraing, a convite do prelado diocesano, renovando aos pés da Virgem as promessas de apostolado e implorando a sua maternal proteção.

CIDADE DE LOURDES

de 16.000 habitantes, situada nos contrafortes dos Pirineus, espera receber no próximo ano mais de 10 milhões de peregrinos.

No dia 11 de Fevereiro comemora-se o ..

100.º aniversário das aparições que transformaram um lugar perdido na montanha num santuário conhecido em todo o Mundo. Dez milhões de peregrinos numa cidade de 16.000 almas parece um número esmagador, mas a verdade é que a média anual de visitantes é de 3 milhões e, além disso, as peregrinações chegarão aqui no decurso do ano, e não todas ao mesmo tempo.

As peregrinações começarão a chegar no dia 11 de Fevereiro, data em que a pequena Bernadette Soubirous viu Nossa Senhora. Para fazer frente ao número esperado de peregrinos, trabalha-se já ativamente em Lourdes. Os hospitais estão a ser aumentados e a construção da Basílica subterrânea (a maior do seu gênero do Mundo) está quase concluída. Muitos dos 400 hotéis e pensões cuja capacidade atual é de 30.000 hóspedes, estão a construir anexos.

DIRIGIDOS PELOS CÔNEGOS QUINN,

da Escócia, Padre Flynn, e Padre Lambe, da Irlanda, chegaram à Cova da Iria 40 peregrinos do Norte da Europa.

Percorreram 4.800 quilômetros até Fátima, passando por diversas cidades da França, Espanha, Portugal, visitando os Santuários de mais nomeada. Fazia parte desta peregrinação o Capitão Laurence, da Engenharia militar Inglesa.

UMA DELEGAÇÃO

de Padres Oblatos do Imaculado Coração, de Saarbruchen, esteve na Cova da Iria. Adquiriram uma linda Imagem de Nossa Senhora de Fátima que, depois de benzida, esteve na Capela das Aparições, à veneração dos fiéis. Destinou-se a uma igreja nova, sendo levada por aqueles Reverendos Padres.

Cegos!...

Com o tumulto e a neurastenia da época atual, o tempo passa depressa.

Com a tensão alta dos nervos, com a velocidade dos transportes, com a inquietação da vida, com o desassossêgo da existência, o tempo precipita-se.

Com o turbilhão dos negócios e com o fervilhar dos afazeres, o tempo voa.

Mal se começa a desfolhar uma folhinha, que esta desaparece com rapidez da eletrecidade.

Hoje em dia, tudo parece vertigem, ou senão, tempestade, furacão ciclone.

Nesta voragem fantástica, neste vendaval ciclópico, o homem moderno não tem folga para pensar em coisas sérias, para ruminar assuntos graves, para meditar verdades transcenden-

tais que digam respeito à sua alma imortal e à eternidade.

O homem modernizado nem quer saber dos problemas de além-túmulo. Contenta-se com o presente e não se preocupa, em absoluto, com o futuro, conforme nos afiançou um indivíduo, ainda outro dia:

— SE EU TENHO UMA ALMA, OU, SE EXISTE OUTRA COISA DEPOIS DA MINHA MORTE, ISSO ABSOLUTAMENTE NÃO ME INTERESSA, POR ORA!

Assim, com toda a civilização ultra-sapiente, com a sua azáfama irrequieta, com toda esta fúria de trabalho, o infeliz mortal hodierno vive cego e mudo, morre cego e baldo de luz sobrenatural, penetra cego na eternidade, onde, compulsoriamente e à fina força, será obrigado a abrir definitivamente os olhos!...

FREI BENCINDO DESTÉFANI, O.F.M.

Conversa em família



escreveu **NHÔ FRÔ**

Meu fígado e a vedette

Naturalmente não fui processado, conforme me prometia dona Joana. E como o crime não punido incentiva o facínora a novos desatinos, resolvi contar a vocês como é que foi a história.

Estive em São Paulo, na casa do Dr. Pacômio, santo homem e o melhor médico do mundo, porque é o meu médico. E ali, conversa vai, conversa vem o clínico teve uma das idéias mais felizes de sua vida.

— “Janta conosco, Nhô Frô”.

— “Ora, dr.: vim aqui para curar o reumatismo e não o estômago”, retruquei eu, num tom arrependido de quem tinha receio de perder o convite.

— “Mas médico bom como o degas cura tudo —: juntas, fígado e estômago”.

— “Então aceito”.

E assim foi. No jantar fui gentil com todo o mundo. Apesar de ser domingo e eu estar aborrecido por saber que o meu time levou outra surra, consegui fazer em tôrno de mim um clima de bom humor.

— “Vamos assistir ao programa de T.V.?”

Olhei o Dr. Pacômio com uns olhos de mendigo a quem se oferece um peru com farofa. E três minutos depois estava refestelado na cadeira estofada, com um apetite para espetáculos televisionados sómente comparável, em intensidade e fúria, ao apetite que eu tive antes do jantar, para acepipes e manjares.

— “Põe no três, Joana”, ordenou o dr. á sua espôsa, mostrando que, ao menos quando há visitas, naquela casa quem manda é o galo.

Da. Joana, pronta e docemente, deu um giro no botão do aparelho, patenteando, em outras palavras, a mesma coisa que ficou dito lá em cima: que ao menos quando há visitas, naquela casa a mulher obedece e não manda.

E começou o espetáculo. Tudo muito bom. Há até um sem número de anúncios. Uma luta acirrada entre o sabão tal e o sabão qual; guerra fria entre bolachas e elogios desmurrados a artigos que não valem nada. Mas a

coisa chegou num ponto em que nós três nos revoltamos. E foi quando num programa chamado, se não me engano, “Novas atrações Pirani-Philco”, apareceu uma tal vedette.

Que calamidade! Como é que podem essas estações de TV contratar mulheres sem honra para conspurcar seus programas?...

O dr. Pacômio me explicou que a TV em tela já tinha sido processada. A sobredita vedette também. Depois de absolvida no processo andou ás voltas com a polícia por escandaloso caso romântico com um escroque. E apesar dos protestos das famílias decentes, ali estava ela, de novo. Estava nada. Da. Joanezinha virou o botão para o 5. E dissemos um adeus ao programa indigno de gente limpa.

Mas o meu fígado não ficou contente com isso. Falei alto aos meus amigos que eles deviam protestar contra aquilo. Deviam aconselhar os seus amigos e clientes a não comprar nada nas Casas Pirani. E dizer a todo o mundo que desistisse de comprar qualquer coisa, nem que fôsse sacarolhas, que tivesse a marca Philco.

Boicotar a casa e boicotar os produtos. Imaginem tôdas as famílias decentes fazendo isso, em surdina ou em público... Tinha que melhorar o programa, ora se tinha!

Dona Joana, porém, me disse que fazendo assim poderia eu ser processado pela Casa e pela Firma, por prejuízos e danos.

— “Brasil brasileiro”, gritei eu: “êsses uns podem prejudicar a consciência católica e danificar o sentimento do público telespectador. E nós não podemos fazer nada?”

Fiquei furioso. E prometi que ia dizer a tôda gente aquilo que estava dizendo ali aos dois amigos: minha gente, quando algum programa teimar em manter gente que não presta para propagar os seus produtos, não pisem mais na casa, não comprem mais o produto.

Prometi e, como estão vendo, cumpri á risca a minha promessa.

SERMÃO A LADRÕES

Uma quadrilha de ladrões capturou, certo dia, um velho pároco, ao qual, êstes “amáveis” bandidos exigiram que, como resgate, lhes prêgasse um sermão adaptado à inteligência dêles.

“Caros amigos — começou o pom padre —, crêde: ninguém mais que eu se alegra da vossa sorte. Sim, sois felizes. Não viestes vós ao mundo como Nosso Senhor Jesus Cristo, em uma miserável caverna? E em cada dia da vossa vida de cruéis padecimentos, não

sois insultados, julgados e condenados como o Salvador do mundo?”

“Bravo! bravo” — gritou tôda a quadrilha, contente da honrosa comparação.

“Finalmente meus amigos — continuou o padre —, vós, como Cristo, acabais pependentes de um pau, num suplício horrível, em presença de uma plebe vil que grita e assobia vendo-vos penar; como Cristo depois da morte, desceis ao inferno e... aí ficais. Eis a diferença única que existe entre a vossa condição e aquela do Homem de Deus.”

Flores de Santidade

Há pendor inato a avolumar o mal, destacar os êrros, sem capacidade de prestigiar o heroísmo e a santidade, em viçosas eflorações. Pensa-se haver desaparecido da terra, em pleno império de Satã, todo rastilho de vida sobrenatural, quando, talvez como nunca, a virtude viceja e os filhos de Deus se multiplicam.

Sobem aos altares flores mimosas que inebriam de aromas celestes o ambiente da santa Igreja. Crianças que praticaram o heroísmo da virtude. Mães que venceram a natureza e foram espelho de perfeição. Pais que renunciaram aos atavios do mundo e às seduções enganosas da convivência pervertida.

Jovens, de ambos os sexos, que mantiveram ilibada a virtude preciosa da castidade.

— Em todos os setores essas flores ostentam o brilho de suas pétalas e a fragância de seus sacrifícios.

Chega a notícia de que o Arcebispo de Paris abriu o processo de beatificação de um antigo funcionário superior dos Correios, que veio a ser um dos grandes líderes do jornalismo: O Pe. Vicente de Paulo Bailly. Quando criança, ouvindo discorrer sobre os males da França, pedindo a volta de outro Vicente de Paulo, respondeu seu pai:

Félix Leseur, médico, que trocara o bisturi pela pena vê decorrer a vida no mais requintado conforto, entre o ataque à Igreja e a dedicação à esposa. Pelo seu palacete desfila a fina-flor do mundo radical e materialista. Mas morre-lhe a esposa — a escritora Elisabeth Leseur — e converte-se. Querendo ir ao convento dos frades dominicanos, em busca do claustro, tem uma comoção tão forte que se vê obrigado a sentar-se na beira do passeio. Mas segue o caminho da vocação e morre com o hábito negro nos braços dos filhos de S. Domingos.

O Príncipe Ghika, habituado à alta roda e ao convívio com os intelectuais, deixa a religião ortodoxa e faz-se sacerdote católico. Instala-se no cinturão vermelho de Paris, na pior pa-

róquia, numa tenda de campanha. Brinca com os garotos enlameados e vem a morrer, de fome e frio num campo de concentração, vítima dos comunistas. Até nos campos de batalha há com frequência campo de cultura da mais bela flor humana. Giosué Borsi é um exemplo. Morto na frente, assim, pensava e agia: “enquanto me entretiver com palavras, será tempo perdido, ninguém me acreditará. Quando eu agir, não haverá eloquência muda da minha ação. Os homens têm necessidade de exemplos, que não de palavras, porque sentem bem que sem o exemplo é vã a religião”. E resumia: “o único remédio é subir para mais alto”.

Passando ao terreno da indústria e dos negócios, Leão Harmel vive com a divisa: “a minha maior preocupação é o bem dos meus operários. O Conde de Mun, outro gigante moral, foi “até a concepção de duma associação fundada sobre o desejo do sacrifício e do sofrimento pedido a Deus como um fervor”.

Entremos nas aulas universitárias e encontramos De Toniolo, sábio, professor de Sociologia, de quem todos diziam: “é um santo”.

Carlos Eugênio Paço de Arcos, sábio e santo, abre um sulco imprenhável nas Universidades e nas Letras, no leito de morte, após uma sufocação, exclama com entusiasmo: “É tão bom sofrer muito para termos alguma coisa que oferecer a Nosso Senhor!”

É bem certo que a graça divina corre sem cessar, em rios caudalosos e torrentes impetuosas, pelo charco da vida mundana. Em seu poder irresistível penetra a fundo em almas sem conta e transforma-as em flores vicejantes, dando-nos a idéia dum florescimento fecundo de flores em lamaçal.

Se os males são muitos, mal poderíamos contar os bens ocultos ou patentes que glorificam a sociedade cristianizada pela Santa Igreja. Não se gloriem os êrros de tudo haver entenebrecido, porque as luzes que brilham são poderosas e vastíssimas.

A GRANDE IMPORTÂNCIA DA CATEQUESE

1.º Catequese é a educação religiosa do homem durante os anos da sua infância.

“É a mais importante das obras sacerdotais, porque tem por fim formar Jesus Cristo nas almas” (Mr. Dupanloup). “É a obra mais excelente a que podemos dedicar-nos; melhor que pregar e confessar, dar missões, ensinar nos Seminários, ou exercer outros ministérios. (Pio X; da Pastoral do Sr. Bispo D. Manuel Coelho da Silva, 24-1-1928).

“O Apostolado da Catequese é o máximo e gravíssimo dever que nos impõe a Igreja” (da Pastoral citada). “É ainda mais necessário e urgente na presente condição do vosso e de outros países, onde causas diversas fazem com que grande parte da juventude cresça nas cidades, nas vilas e nos campos sem formação religiosa”. (Pio XI ao Episcopado das ilhas Filipinas, em 18-1-1939). “A instrução catequista é o úni-

co remédio contra a obra de descristianização e de desmoralização que fazem em volta de nós os inimigos de Deus e da Igreja”. (Arcebispo de Chamberg, Mgr. Durieux).

“O fim da Catequese não é somente fazer aprender e recitar umas fórmulas, por vezes difíceis de compreender e de reter; não é somente explicar essas fórmulas tão concisas, tão cheias de ensinamentos. Um e outro trabalho são indispensáveis mas insuficientes. É preciso, além disso, fazer amar a doutrina e orientar as vontades das crianças para a prática das verdades religiosas”. (Mgr. Feltin, Cardeal Arcebispo de Paris). A Catequese deve instruir nas coisas da Religião, levar ao amor de Deus e à detestação do pecado, corrigir os defeitos, formar o caráter, fortificar a vontade, esclarecer a consciência, enobrecer os sentimentos, despertar o amor ao dever.

À MARGEM DO EVANGELHO

Terceiro Domingo do Advento

(São João, 1, 19-28)

A beira do Jordão, João Batista pregava, atraindo para si multidões incalculáveis, assim como as águas de vasta região da Palestina se congregam no leito daquele rio. De Jerusalém lhe enviaram uma embaixada de sacerdotes e levitas para inquirir-lhe da finalidade de seu apostolado ruidoso. João responde que é o Precursor, o que vai adiante do Redentor, daquele que já se encontra no meio deles.

Também na Liturgia nos chama a atenção a presença de S. João Batista neste tempo do Advento. Domingo passado, hoje e no domingo próximo a Santa Igreja nos colocou e colocará diante a figura do grande asceta dirigindo-nos a palavra inflamada. Misturemo-nos também à embaixada e vamos interrogá-lo sobre os motivos de sua pregação. Também na santa Missa ele é Precursor de Jesus, que na festa do Natal tornará a manifestar-se a este mundo. E a sua mensagem de agora é a mesma: "Endiretai o caminho do Senhor. Endiretai o caminho a fim de N. Senhor poder chegar até vossos corações com tôdas as graças e bênçãos do Natal. Preparai-vos para o Natal".

* * *

Sabemos que o Natal é apenas comemoração. Nosso Senhor nasceu uma só vez. Por que, neste caso, renovar cada ano este grande acontecimento? Porque nós estamos acostumados com ele e perdemos a noção de todos os inúmeros benefícios que para nós acumulou.

Sómente quando nos vem a faltar alguma coisa de que nos servimos continuamente é que percebemos quanto nos vale. Por exemplo, a água. Nada mais comum. Esguinha de todos os cantos da casa. Se, porém, cessa de correr, então caímos na conta de que a usamos para tudo e a cada momento. E à falta, passamos a chamá-la de "líquido precioso". É bom, pois, imaginar que perdemos certos benefícios com o fito de avaliarmos a sua utilidade, de que andamos esquecidos.

Assim fez a Igreja com a Redenção, que se inaugura com o Natal. Apresenta-nos como ain-

Os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas a indagar d'ele: "Quem és tu?" E ele o confessou e não negou. E confessou: "Eu não sou o Cristo." E lhe perguntaram: "Pois, então, quem és? És tu Elias?" Mas ele disse: "Não o sou." "És tu o Profeta?" Mas ele respondeu: "Não." Perguntaram-lhe então: "Quem és, pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?" Ele respondeu:

"Eu sou a voz do que clama no deserto: Endiretai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías." Ora, os que haviam sido enviados eram do meio dos fariseus. E interrogaram-no e disseram-lhe: "Como, pois, batizas, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?" João respondeu-lhes, dizendo: "Eu batizo com água, mas no meio de vós está quem vós não conheceis. Esse é quem virá depois de mim, que foi anterior a mim, ao qual eu não sou digno de desatar a correia do calçado."

Isto se passou em Betânia, além do Jordão, onde João batizava.

da não acontecido o nascimento de Jesus. Pohnhamo-nos nesse ambiente de espera e desejo em relação à vinda de Nosso Senhor. Imaginemos que ainda não trouxe à terra os dons maravilhosos da Redenção. Que seria dos homens sem a Redenção? Com o céu fechado, sempre mais prêso no lamaçal do pecado, com a alma refer-ta de desespêro, que infeliz viveria!

Figuremo-nos que Nosso Senhor ainda não nos brindou com os sacramentos, canais que nos comunicam os frutos da sua morte redentora. Sem o batismo, que nos faz nascer como filhos de Deus. Sem a confissão, que nos verte na alma a certeza, percebida pelos sentidos, de que já fomos perdoados de nossa maldade. Sem a comunhão, que nos infunde aquêle vigor para a virtude, que os afastados da religião não compreendem.

Dêste modo, por certo nos havemos de transbordar de desejo e expectação pela descida de Jesus a nosso meio. Desejo e expectação que nos levarão ao preparo conveniente de nossas almas para a divina chegada.

P e . A T H O S L U Í S C U N H A , C . M . F .

Reflorescimento da vida cristã no Japão



Absortos em fervorosa prece e meditação, até os pequenos têm o seriedade de uma fé profunda e convicta. A música e o canto sagrado em harpejos de alegria santa.



É profundo e comovente o recolhimento dos católicos japoneses.

Uma mensagem importante

Ao ensejo do Congresso Eucarístico, realizado em Passo Fundo por ocasião de centenário da cidade, o Episcopado Gaúcho houve por bem publicar uma mensagem aos riograndenses.

Um ponto que causou sucesso foi o que se refere ao aprimoramento dos costumes políticos.

Está ele contido nos seguintes períodos,

extraídos do mencionado manifesto: "Aos dirigentes das atividades políticas e partidárias e ao povo em geral, fazemos um veemente apêlo para que, nos comícios eleitorais, na imprensa partidária, na defesa e na propaganda multiforme das candidaturas, fiquem sempre respeitadas as normas universais da educação, os ditâmes categóricos da Justiça e os direitos intangíveis da verdade.

As injúrias pessoais, a difamação caluniosa, a mentira consciente, as promessas falazes, a desmoralização sistemática do adversário, a intriga soez, a bem dos nossos fóros de cultura, deviam desaparecer de uma vez por todas.

Aconselhamos aos eleitores, que seguem a orientação imparcial e supra-partidária da Igreja, que não sufraguem os candidatos que, no âmbito federal, estadual e municipal, teimam em estacionar para sempre em tão baixo nível de educação política, transgredindo lamentavelmente as prescrições da ética natural e da fraternidade cristã...

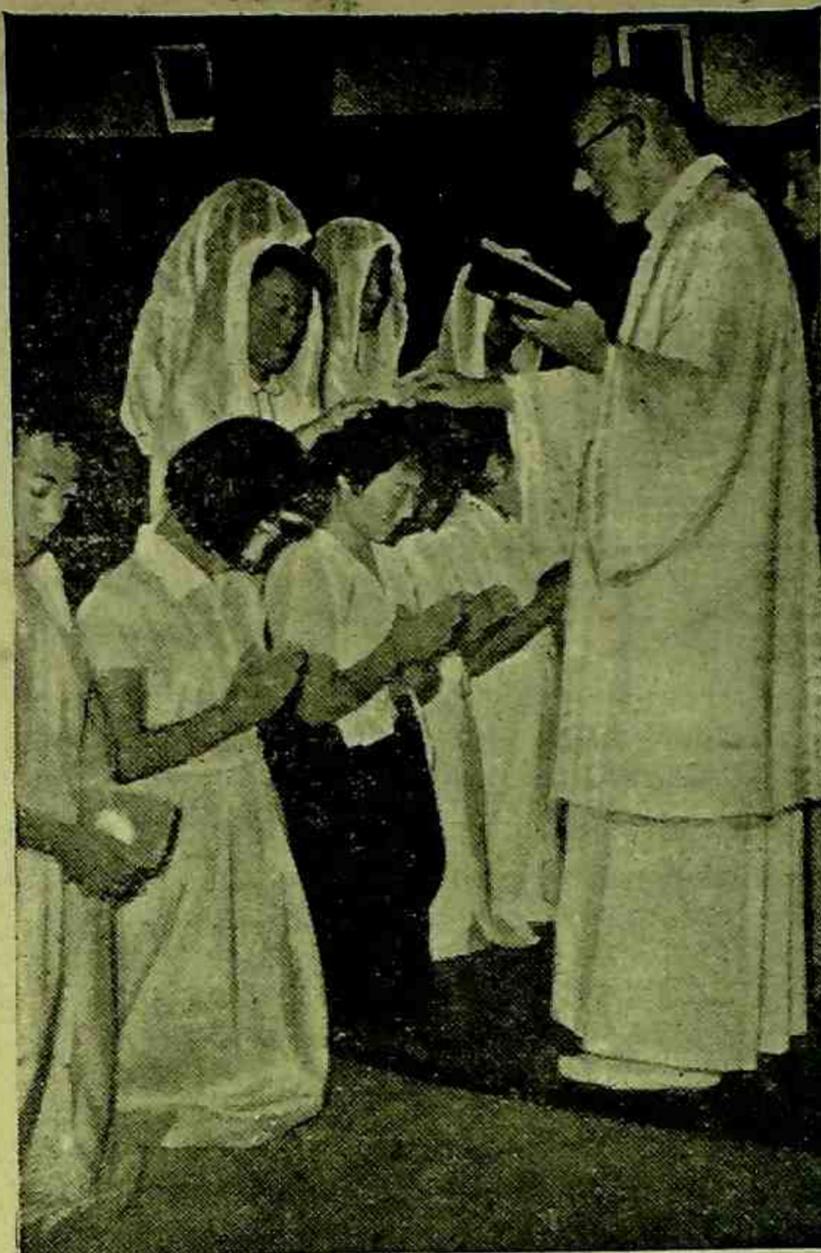
Esperamos que as direções partidárias não apresentem candidatos que, por notória mentalidade ou atividades contrárias aos postulados da consciência cristã, não poderiam receber os votos do eleitorado católico e exigiram nossa formal desaprovação. Sempre alheio a quaisquer preferências de ordem partidária, o clero não se valerá de sua influência unicamente, para, sem indicar nomes, urgir a obrigação de apoiar os candidatos recomendados por um passado de honestidade, por sua reconhecida capacidade administrativa e comprovadas qualidades morais e cívicas".

Eis aí a voz do Episcopado Gaúcho que atuou dentro de normas salutares para o bem do povo e da nação.

P. J. BUSATO

● AS VÊZES, é paradoxal o qualificativo de "primitivos", aplicado aos povos do Oriente. Antes, poderíamos dizer mais exatamente, que não são "primitivos", mas, simplesmente, "imunes dos vícios da civilização naturalista".

Entre os japoneses, mesmo não católicos, o *sentido da religião* está profundamente arraigado em todos os corações, e é vivido na vida pública sem o mínimo respeito humano. Torrão cristianizado pelo sangue de muitos mártires — semente fecunda de novos cristãos, o Japão apresenta um horizonte de vida católica promissor, credor das mais legítimas e otimistas esperanças da Igreja Missionária.



A devoção no porte exterior, e a alegria íntima do coração de quem já pode dizer: "Sou cristão pela graça de Deus, pelo batismo."



Nagasaki e Hiroshima, as duas cidades flageladas pelas bombas atômicas, apresentam, bastas vezes, vivos espetáculos de fé. Extraordinária a devoção a Nossa Senhora, ensinada pelos antigos missionários e mártires cristãos! No clichê, junto às ruínas da igreja de Urakami, os homens se organizam numa entusiasta procissão em honra de Nossa Senhora.

A liberdade da criança

Sistemas antigos, mal interpretados, mal orientados, escandalizam-se e protestam contra as tentativas de estudar a fundo este assunto “da liberdade em educação, da liberdade da criança”.

No entanto, é necessário fazê-lo, pois não se vem possibilidades de estragar como a pedagogia. Não é certo que essa palavra “liberdade” só dentro do pensamento católico tem seu verdadeiro significado e assume tôda a sua nobreza? Poder-se-á duvidar que a liberdade é essencialmente um dom de Deus e dos que mais enobrecem a pessoa humana? Não é certo que temos a liberdade, porque Deus assim a criou e não porque setários das esquerdas o proclamem?

* * *

Levantemo-nos, sim, contra a falta de liberdade pedagógica, paternal ou escolar; julgar que educar é sinônimo de deixar obrar a natureza, dando tudo à espontaneidade estudantil; que educar é suprimir e restringir a ação do mestre e do educador; que a criança nada deve fazer por obediência, e que mandar e obedecer, dever e obrigação” são palavras que devem ser suprimidas do dicionário.

Levantemo-nos sempre contra semelhante deseducação. “É Falso todo o naturalismo pedagógico — disse Pio XI — que, de qualquer modo que seja, exclui ou tende a diminuir a ação sobrenatural do cristianismo na formação da mocidade”.

Não aceitamos, como absurdos “os sistemas modernos, de nomes diversos, que apelam para

uma pretendida autonomia e liberdade sem limites da criança; que reduzem ao mesmo tempo a autoridade e a obra do educador, atribuindo à criança um direito primário e exclusivo de iniciativa independente de tôda a lei superior, natural ou divina, no trabalho da sua própria formação.

Condenemos os casos verdadeiramente estranhos de educadores e filósofos que se fatigam à procura dum código moral universal de educação, como se não existisse o Decálogo, nem mesmo a lei natural que Deus gravou no coração do homem.

Esses infelizes — escreveu o pedagogo belga F. Elias com a pretensão de libertar a criança tornando-a escrava do seu orgulho das suas paixões desregradadas, consequência lógica dos seus falsos sistemas. “Não é amar a criança nem respeitá-la, tolerar que ela viva sem disciplina, deixá-la corromper com seus defeitos e permitir-lhe fazer o que quiser”.

* * *

Somos contra a liberdade mal compreendida dos defensores do naturalismo pedagógico. Mas também somos contra a passividade na escola que reduz os alunos a meros receptáculos dos ensinamentos dos mestres. Somos pela liberdade da escola bem compreendida, isto é, compreendida no sentido de que a criança possa caminhar, tanto quanto possível na aquisição do saber e na formação, sem autoritarismos que esmaguem a sua personalidade e sufoquem a sua autenticidade, o que supõe muito estudo dos mestres e muita dedicação dos alunos.

COBRAS VENENOSAS

O povo de Deus estava preso no Egito. O rei daquela terra tratava-o muito mal.

Deus compadeceu-se da sua gente. Mandou a Moisés que fôsse ao Egito e trouxesse a todos para a Terra da Promissão.

Nosso Senhor teve de fazer muitos milagres para os livrar de lá e os levar para a Terra Santa.

Durante o caminho deu-lhes de comer. Pela madrugada caíam do céu umas bolinhas. Os israelitas apanhavam-nas e guardavam-nas. Iam-nas comendo pelo dia adiante. Sabiam muito bem. Não precisavam doutro alimento. Isto é que era! Comer sem trabalhar!

Os israelitas, aborreceram-se daquela comida tão boa. Esquecidos do muito que tinham sofrido no Egito começaram a murmurar:

— Sempre a mesma comida! No Egito,

tinhamos alhos e cebolas tão boas! Para que é que este Moisés nos foi lá buscar. Não sabia estar quieto.

E diziam muito triste. Tanto os tinha ajudado e pagavam-lhe com a mais negra ingratição. Irritado fez que aparecessem na terra umas cobras venenosas. Mordiam nos murmuradores e eles morriam. A terra estava coberta de cadáveres.

Bem feito! Aquela gente tinha má língua. Só sabia morder em Moisés e nos bons. Deus, em castigo, mandou aquelas víboras para os morderem também a eles e os matarem.

Quem fala mal dos outros é como uma víbora. Tem veneno na língua e só sabe morder outros. Põe mal em tudo quanto diz.

Não gostamos que falem mal de nós. Não falemos também nós mal dos outros. Não os critiquemos.

Santa Francisca Xavier Cabrini

(22 de Dezembro)



Fundadora do Instituto das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, Santa Francisca Xavier Cabrini nasceu em Santo Angelo, pequena cidade lombarda, entre Lodi e Pavia, na Itália setentrional, no dia 1 de Julho de 1850.

Foi a décima terceira e última vergôntea de honrada família de agricultores. Em seus pais, Agostinho Cabrini e Stela Oldini, se concentrava, bem viva e amadurecida, toda uma veneranda tradição de piedade e vida religiosa.

No mesmo dia do nascimento foi levada à pia batismal, recebendo o nome de Maria Francisca. Mais tarde, a grande herdeira do espírito missionário de São Francisco Xavier, acrescentará ao seu nome de batismo, o nome do insigne Apóstolo das Índias. E hoje nós a invocamos: Santa Francisca Xavier Cabrini.

* * *

Tudo ao seu redor, o ambiente familiar, o gênero de vida sóbria e laboriosa, a piedade e exemplos paternos, fizeram desabrochar e re-

florir, bem cedo ainda, naquela alma generosa, flores e frutos de uma vida santa e apostólica.

Aos 18 anos, numa como que reafirmação do que já vinha realizando e vivendo, desde pequena, faz o voto de virgindade a Deus. Já se delineavam então os traços característicos da futura apóstola: Fé viva, ilimitada confiança na Divina Providência e devoção a Nossa Senhora.

Formou-se professora, no Colégio das Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Dizem que tinha preferências pela geografia. Em seus anseios missionários, quantas vezes não teria ela, com o mapa-mundi à frente, todo pontilhado de cidades e aldeias, sonhado com milhões de almas para salvar. E rezava: Senhor, dai-me um coração grande como o mundo.

Aos 20 anos perde os queridos pais. Logo depois, pretende ingressar numa Congregação religiosa, mas foi, impedida de o fazer, seja em atenção à sua saúde apoucada, seja porque os párocos não se resignavam a desprender-se de uma cooperadora tão zelosa e ativa na Paróquia.

* * *

Entretanto, Nosso Senhor a queria Fundadora de um Instituto Missionário. O bispo de Lodi a encorajou logo neste sentido, e em Setembro de 1887 aparecia uma nova família religiosa feminina, da qual Santa Francisca foi a primeira Superiora. Aprovadas, pela Igreja, as Constituições da novel Instituição, em 1907, Maria Francisca Xavier já estava pensando nas longínquas terras do Extremo Oriente como futuro campo de trabalho, quando o Papa Leão XIII lhe sugeriu: Vá ao Ocidente! E ela trocou então os pagodes da China pelos arranha-céus americanos.

Trabalhou incansavelmente nas Américas, especialmente nos Estados Unidos, onde ficou conhecida como a mãe dos emigrantes italianos, ainda que seu zelo desinteressado e magnânimo não fizesse distinção de raça, nações ou classes.

Em 1908 esteve no Brasil.

E à sua passagem foram surgindo escolas, colégios, asilos, hospitais. E muitas crianças começaram a ter novas mães, muitos pobres novo conforto, muitos enfermos o lenitivo para as dores, muitos condenados à cadeira elétrica o sorriso de uma irmã religiosa a prepará-los para o Céu.

Faleceu em Chicago, aos 22 de Dezembro de 1917, com 66 anos. Foi beatificada em 13 de Novembro de 1938 e canonizada por Pio XII, em 7 de Julho de 1946.

Eis uma vida que cantou, dia a dia, um hino heróico de louvor ao Pai celestial, na dedicação sem limites ao bem espiritual e temporal do próximo.

AURY MARIA BRUNETTI, C.M.F.

CONSULTÓRIO POPULAR

P. 3.299.^a — *Sinto-me desambientada na vida e às vezes penso ser religiosa. Tenho 23 anos e sou professora primária. Desejaria encontrar esclarecimento sobre vocação em algum livro...*

R. — Eu lhe aconselho a leitura dos livros: “Na Escolha do Futuro”, do Pe. Geraldo Pires de Sousa, e “Hei de ser Freira?”, do Pe. Daniel A. Lord, S. —. Estes livros podem ser encontrados na Livraria da “AVE MARIA”, Caixa Postal 615, SÃO PAULO.

* * *

P. 3.300.^a — *Numa aula de História Geral, tratando-se da Reforma, minha professora, que é protestante, disse que Lutero revoltou-se contra as indulgências que o Papa Leão X mandara “vender” na Alemanha. As indulgências — conforme a professora explicou — não passavam de uma carta na qual o Papa dizia que todos os que pagassem certa quantia ficavam com todos os pecados perdoados. É possível isto? Se houver algum livro que trate da Reforma, peço-lhe indicar-me.*

R. — Tôda essa história foi muito mal contada por sua professora. Se todos os fatos históricos forem expostos do mesmo modo, em vez de aulas de História Geral o que sua professora está dando é aulas de história da carochinha.

A respeito do exposto na pergunta, importa observar o seguinte:

1) Indulgência não é nem nunca foi

uma carta. Indulgência, no tempo de Lutero, era o que hoje é: a remissão das penas temporais devidas pelos pecados já perdoados quanto à culpa. O Papa concedia-as como as concede ainda hoje, por ocasião da prática de obras de caridade, visitas a determinadas igrejas, recitação de determinadas orações, etc..

2) A Igreja nunca “vendeu” indulgências. Se em algum lugar houve abusos a este respeito, as autoridades eclesiásticas sempre os reprovaram como contrários à doutrina e disciplina da Igreja.

3) O Papa Leão X pediu a cooperação de todos os católicos para a construção da Basílica de São Pedro e concedeu indulgência a todos os que dessem esmolas para essa finalidade. Os padres encarregados de recolher as esmolas levavam consigo a bula do Papa onde constava a concessão das indulgências. Daí a explicação de que “a indulgência não passava de uma bula ou carta...”

4) Na bula do Papa não se dizia que os que pagassem determinada quantia ficavam com todos os pecados perdoados. A Igreja sempre ensinou que indulgência é remissão das penas e não dos pecados.

5) Para maiores esclarecimentos sobre o assunto, são indicados os seguintes livros: “História da Igreja”, de Dom Jaime de Barros Câmara; “A Igreja, a Reforma e a Civilização”, “Catolicismo e Protestantismo” e “O Protestantismo no Brasil”, do Pe. Leonel Franca, S.J..

Pe. WANDERLAN L. GAMA, C.M.F.
C. Postal, 153 — CURITIBA (Paraná)

AINDA A QUESTÃO DA HUNGRIA

Ainda se fala no sangrento acontecimento da Húngria. Não admira que dele ainda não se tenham esquecido, os infelizes sinistrados que viram centenas de carros de guerra, derrubando casas, chacinando crianças e velhinhos. Para esses, tais momentos de angústia e alucinação, jamais se apagarão dos seus corações feridos e de suas inteligências repisadas e ultrajadas. Que deles se lembrem, que eles sofram ainda, não é de admirar. Mas não é a eles que eu me refiro. Refiro-me sim, ao mundo da política internacional, que reduz os mais trágicos problemas humanos, a equações e estatísticas inanimadas. Mais uma vez vai ser discutido, calmamente discutido, na próxima assembléia das Nações Unidas, o vivo, trágico e sangrento problema da Húngria. E enquanto eles discutem, se é que chegam a discutir, a Húngria martirizada lá vai aguentando o tremendo pesadelo da opressão.

O País, apertado e estrangulado pelas feroças e sangrentas garras do regime de Kadar, foi completamente reduzido a um estado, onde reinam a dor e o medo. Sete divisões do exército vermelho e uma polícia secreta dirigida pe-

los russos, conservam a Húngria acorrentada, ainda hoje, dez meses passados sobre a revolução nacional pela liberdade. Um viajante muito familiarizado com a vida de Budapeste, antes e depois da revolução, declara que o terror policial, agora parece muito mais severo do que era antes. A estrada de Viena-Budapeste continua a ser patrulhada por tropas húngaras e russas, que revistam todos os automóveis. Os estrangeiros que se hospedam nos hotéis da capital, são mantidos sobre a vigilância permanente da polícia. Segundo conta o mesmo viajante, poucos soldados russos se avistam em Budapeste. No entanto, tôda a gente sabe que sete divisões estacionam a sul e a oeste da capital. O povo húngaro, vive oprimido pelo susto. Tem medo de conversar com os estranhos, têm mesmo medo de conversar entre eles. Um caso anedótico, mostra-nos claramente o regime de aflição em que vive o povo magiar.

— Numa rua de Budapeste, dois homens admiram um rico automóvel dos mais modernos.

— “Que progresso magnífico fazem os nossos amigos russos na construção de automóveis”. O outro, a medo, responde: — “Mas, sabe... não é feito pelos russos!... Resposta do 1.º

Crônica Internacional

● **ESTARÁ PRESTES UMA TERRÍVEL PERSEGUIÇÃO NA CHINA VERMELHA CONTRA A IGREJA CATÓLICA** — Em resposta aos ataques chineses contra o Vaticano, acusado de ser o cúmplice do imperialismo e do capitalismo americano, a Agência Missionária FIDES publica uma nota na qual diz nomeadamente:

“Tais métodos são do agrado dos regimes comunistas. É preciso dar a impressão de que toda a China é contra o Sumo Pontífice e que todos os católicos chineses proclamam a necessidade de cortar relações com o Vaticano, pelo menos no que respeita aos domínios políticos e econômicos.

Convida-se o Vaticano a circunscrever-se ao domínio religioso, sem se imiscuir na política. Mas é preciso observar que o domínio político, como o entendem os comunistas, é extremamente vasto. Sob o aspecto religioso, a República Chinesa quer criar uma IGREJA NACIONAL OU PATRIÓTICA, completamente dominada pelo Partido Comunista.

Porém, no dia em que a Igreja Católica se tornasse NACIONAL, deixaria de ser católica. Roma repete esta verdade essencial há dois mil anos e não deixará de o fazer até ao fim do Mundo, mesmo que isso desagrade às Repúblicas “Populares”.

O tom da Imprensa chinesa contra “elementos da direita escondidos no seio da Igreja Católica”, deixa supor que um violentíssimo movimento vai ser desencadeado contra a Igreja. Os católicos da China sofrerão ainda pela sua união à Santa Sé.

● **DEPOIS DE 50 ANOS DE CLAUSURA...**

Santa Cruz de Tenerife — Depois de 50 anos de clausura, no convento de Santa Clara, na cidade de Laguna, vieram a Sevilha para assistir ao Capítulo de monjas de clausura, celebrado no Convento de Santa Maria de Jesus, a abadessa Sórora Francisca Cabrera e a secretária, irmã Josefina Castaheda Sierma.

● **O HELICÓPTERO COLOCOU O ANJO**

NO ALTO DA TORRE... - Um anjo de madeira ornamentava outrora, a 57 metros do solo, a torre da igreja de Sacilia, perto de Udina, no Triul. Abalada em 1936, por um tremor de terra, decapitada pelos bombardeamentos aéreos da última guerra, a estátua foi completamente destruída, há uns anos, por um raio.

Os habitantes da Sacilia decidiram construir uma nova estátua, semelhante à anterior, mas de bronze. A nova estátua mede 2,60 de altura e pesa 240 quilos. Em virtude do seu peso e da fragilidade da escada interior da torre, viu-se que era impossível içá-la.

Foi então que o pároco se lembrou de pedir auxílio do comando da SETAT de Verona que é o único que, na Itália, possui helicópteros pesados.

Para o efeito, um oficial americano examinou a situação, do alto da torre. As conclusões foram favoráveis e o helicóptero fez o resto. A estátua já se encontra no seu lugar.

● **PREGAÇÃO EM DIALOGO, NA BÉLGICA** — Antuérpia — As autoridades religiosas instauraram, em algumas igrejas desta cidade, um novo sistema de pregação.

É assim que, na igreja de Santo André, por ocasião da novena a São Cornélio, dois pregadores falaram simultaneamente. Trata-se de 2 Padres franciscanos holandeses e a pregação tomou a forma de um diálogo entre os dois sacerdotes.

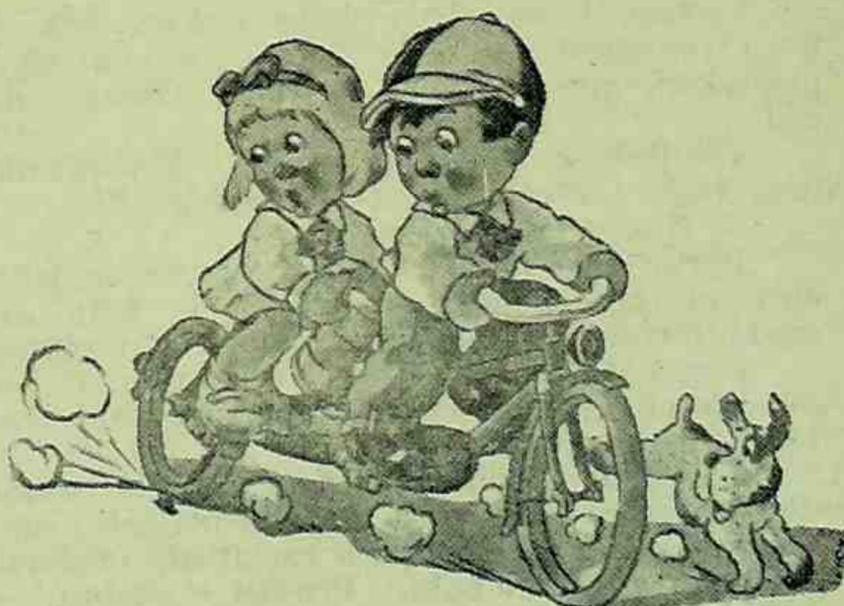
Este novo sistema está já em vigor na França, na Alemanha, nos Países-Baixos, e na Itália. Antuérpia é a primeira cidade belga a adotá-lo.

● **A IGREJA SUBTERRÂNEA DE LOURDES SERÁ SAGRADA EM 25 DE MARÇO DO PRÓXIMO ANO** — Lourdes — Monseñor Théas Bispo de Lourdes, anunciou que a igreja consagrada a S. Pio X será sagrada a 25 de Março de 1958, festa da Anunciação.

Esta declaração do Bispo prova que a construção do templo subterrâneo do Santuário continua em bom ritmo. A obra pôde ser realizada, graças à generosidade dos católicos do Mundo inteiro.

Monsenhor Théas assinalou, em especial, a generosidade dos católicos das ilhas Wallis e Futuna na Oceania. São ao todo ... 8.000 fiéis, que, apesar da sua pobreza, enviaram donativos avaliados em cerca de 19 contos.

● **DEPOIS DO REGRESSO DO SARRE À ALEMANHA** — Imediatamente após a volta do Sarre à Alemanha, realizou-se, em Saarbrücken, a cerimônia da fundação da União dos Sindicatos Cristãos da Alemanha.



— Será o “sputnik”???



REGINA MELILLO DE SOUZA

ARREPENDIMENTO

O bolo estava em cima da mesa e o Cazusa que por ali passava, imaginou:

— Deve ser uma gostosura!

Era um bolo grande, fôfo como algodão, rescendendo a baunilha, cravos e canela. Tia Dolores o acabára de enfeitar, com rosas coloridas e arabescos açucarados. Uma tentação!

— Para quando é o bolo?

— Para depois de amanhã, senhor “formigão”. Você o provará, na festa da vovó, Está bem?

Cazusa suspirou. Porque festa, havia de ter dia marcado? Porque?

E ele foi brincar no quintal, onde os primos se divertiam. Mas o bolo não lhe saia da idéia. Devia estar delicioso!

Tia Dolores o preparára, com capricho. E o recheára com nozes! Caramba!

Cazusa era grande apreciador de guloseimas. Mas os bolos ganhavam o primeiro lugar. Principalmente os que tia Dolores improvisava.

Quando tia Dolores apanhava o livro de receitas e ia para a cosinha, Cazusa já sabia: a sobremesa subia de cotação e os bolos sempre apareciam, enfeitados, ou não. Sempre deliciosos, porém.

Enquanto os primos jogavam bola, Cazusa andou, de lá para cá, a guiar seu velocipede. Depois encafuou-se num canto a imaginar como seria gostoso, provar uma fatia que fôsse, do bolo de aniversário!

Bem sabia que seria impossível realizar este desejo. Tinha mesmo que esperar pela festa da vovó.

Muitas vezes, Cazusa foi espiar o bolo que estava em cima da mesa e cada vez o encontrou mais bonito e enfeitado. Tia Dolores caprichára, de verdade!

Pronto, ficou ainda mais vistoso, com a nova roupagem de côco ralado e continhas prateadas, que pareciam estrelas caídas do céu!

Tia Dolores o deixou a secar. Foi quando uma idéia fez estremecer o “formigão”:

— E se eu o provasse?

Partir uma fatia do bolo seria temeridade. Mas um enfeitesinho só, não faria falta naquela fartura e ninguém descobriria o roubo!

Pensando nisso, Cazusa se decidiu. E foi, pé ante pé, até a mesa onde o desprevenido bolo se encontrava.

Na copa, não havia ninguém e ele cuidou de “trabalhar” depressa. Provou primeiro uma das rosas que enfeitavam o ramalhete improvisado em cima do bolo. Provou e gostou. A rosa era amarela. Que gosto teriam, as azuis?

Cazusa experimentou, achando-as deliciosas. Depois foi provando as fôlhas matizadas e algumas nozes que repousavam tranquilamente, ao lado de enormes e macias ameixas pretas...

Tia Dolores fôra á cidade comprar um presente para a vovó e quando voltou, encontrou o bolo completamente devastado. Foi um Deus nos acuda. Todos acorreram aos seus gritos.

— Quem fez isto? perguntou, irritada. Quem teve a coragem de estragar o bolo de aniversário da vovó?

— Nós não fomos! disseram os primos do Cazusa.

— Nem eu! retrucou o ladrão, bastante amedrontado.

— Pois eu descobrirei o culpado! disse Tia Dolores.

As crianças voltaram para o quintal e comentavam o acontecido:

— Quem teria feito semelhante coisa?

— Não sei! Quem sabe se foi a Maria.

— Pode ser. Ela gosta de doce!

Maria era a empregada; uma pobre menina orfã que Tia Dolores criava. Não tinha pai, nem mãe. Cazusa tinha pena dela, e por isso se irritou com a idéia dos primos.

— Não foi ela, tenho a certeza!

— Ora! Deve ter sido ela, sim! Vamos falar á Tia Dolores!

Cazusa achou que para ele, seria melhor que assim pensassem, mas não podia deixar que uma inocente pagasse o crime que havia cometido. E quando todos acusavam a coitadinha, ele falou, com firmeza:

— Tia Dolores: fui eu! Castigue-me, mas não culpe uma inocente!

O castigo de Cazusa foi não provar o bolo, no dia do aniversário, mas a vovó revelou a pena, pois sabia que o culpado nunca mais cairia noutra. E foi o que aconteceu!

Para onde o olhar viro,
Imenso Deus, eu te vejo:
Nas tuas obras te admiro,
Te reconheço em mim,

A terra, o mar, o globo
Nos falamos do teu poder:
Tu estás em tudo, e nós
Todos vivemos em Ti.

(Metastásio)

OS NOIVOS



é que Deus pode fazer do sr.? E perdoar-lhe? e salvá-lo? e realizar na sua pessoa a obra da redenção? Não são, estas, coisas magníficas e dignas d'Ele? Oh! pense! se eu homúnculo, eu miserável, e entretanto tão cheio de mim mesmo, se eu, tal qual sou, anseio agora tanto pela sua salvação que por ela daria com gáudio (Ele me é testemunha) estes poucos dias que me restam, oh! pense! quanta, qual não deve ser a caridade d'Aquele que me infunde esta caridade tão imperfeita, mas tão viva! como o ama, como o quer Aquele que me ordena e me inspira para com o sr. um amor que me devora!"

A medida que estas palavras lhe saíam dos lábios, o rosto, o olhar, todos os movimentos respiravam o sentimento delas. De transtornada e convulsa, a face do seu ouvinte tornou-se a princípio atônita e atenta; depois acusou uma emoção mais profunda e menos angustiada; seus olhos, que desde a infância não mais conheciam as lágrimas, entumesceram-se; quando as palavras cessaram, ele cobriu o rosto com as mãos e prorrompeu num pranto desfeito, que foi como que a sua última e mais clara resposta.

"Deus grande e bom!" exclamou Frederico, erguendo os olhos e as mãos ao céu; "que fiz eu, servo inútil, pastor sonolento, para que me chamásseis a este festim de graça, para que me fizésseis digno de assistir a um tão jacundo prodígio?" E, assim dizendo, estendeu a mão para tomar a do Inominado.

"Não!" gritou este, "não! para longe, para longe de mim o sr.: não suje essa mão inocente e benfazeja. Não sabe tudo o que tem feito esta que o sr. quer apertar".

"Deixe", disse Frederico, tomando-a com amorosa violência, "deixe que eu aperte essa mão que há de reparar tantos males, que espalhará tantos benefícios, que aliviará tantos aflitos, que se estenderá, pacífica, humilde, a tantos inimigos".

"É de mais!" disse, soluçando, o Inominado. "Deixe-me, Monsenhor; bom Frederico, deixe-me. Um povo apinhado está à sua espera; tantas almas boas, tantos inocentes, tantos vindos de longe para vê-lo uma vez, para ouvi-lo; e o sr. perde o seu tempo... com quem!" Ao que, respondeu o cardeal:

"Deixemos as noventa e nove ovelhas, elas estão em segurança no monte: agora quero estar com a que se tresmalhara. Aquelas almas estão talvez agora bem mais contentes do que de verem este pobre bispo. Talvez que Deus, que operou no sr. o prodígio da sua misericórdia, esteja difundindo nelas uma alegria cuja causa elas ainda não sentem. Esse povo talvez esteja unido a nós sem o saber: talvez que o Espírito Santo lhes esteja infundindo nos corações um insuspeitado ardor de caridade, uma prece que ele atende em favor do sr., uma ação de graças de que o sr. é o objeto ainda não conhecido". E, assim dizendo, estendeu os braços ao pescoço do Inominado; o qual, após,

tentar subtrair-se e resistir um momento, ce-deu, como que vencido por aquele ímpeto de caridade, abraçou também o cardeal, e abandonou-lhe sobre o ombro o rosto trêmulo e transmudado. As suas lágrimas ardentes ro-lar sobre a púrpura incontaminada de Frederico, e as mãos inculpadas deste apertavam afetuosamente aqueles membros, estreitavam aquela casaca acostumada a trazer armas da violência e da traição.

Desprendendo-se desse abraço, o Inominado cobriu os olhos com uma das mãos e, levantando ao mesmo tempo a face, exclamou: "Deus verdadeiramente grande! Deus verdadeiramente bom! conheço-me agora, compreendo quem sou; as minhas iniquidades estão diante de mim; tenho horror de mim mesmo; contudo...! contudo sinto um refrigério, uma alegria, sim, uma alegria como nunca senti em tôda esta minha horrível vida!" Ao que, disse Frederico:

"É um antegoço que Deus lhe dá, para cavivá-lo ao seu serviço, para animá-lo a entrar resolutamente na nova vida em que tanto terá que desfazer, tanto que reparar, tanto que chorar!"

"Desgraçado de mim!" exclamou o potentado, "quanta, quanta... coisa que apenas poderei chorar! Mas ao menos tenho empresas recém-encaminhadas que, à míngua de melhor, posso interromper: tenho uma que posso interromper imediatamente, desfazer, reparar".

Frederico pôs-se em atenção; e, brevemente, mas com palavras de execração ainda mais fortes do que as que empregamos, narrou o Inominado a prepotência feita a Luzia, os terrores, os sofrimentos da pobrezinha, e como ela o havia implorado, e a ânsia que aquele implorar lhe causara, e como ela ainda estava no castelo...

"Ah! não percamos tempo!" exclamou Frederico, cheio de piedade e de solicitude. "Feliz do sr.! Isto é o penhor do perdão de Deus! fazer que o sr. possa tornar-se instrumento de salvação para alguém a quem queria ser instrumento de ruína. Deus o abençoe! Deus o abençoe! E sabe de onde é essa nossa pobre oprimida?"

"Não é longe daqui", disse o cardeal; "louvado seja Deus; e provavelmente..." Assim dizendo, correu a uma mesinha e sacudiu uma sineta. Logo entrou com ansiedade o capelão crucífero, e a primeira coisa que fez foi olhar para o Inominado; e, vendo aquela face mudada e aqueles olhos vermelhos de pranto, olhou para o cardeal; e, por sob aquela inalterável compostura percebendo-lhe rosto como que um grave contentamento e uma solicitude quase impaciente, teria ficado extático, boquiaberto, se o cardeal logo o não houvesse despertado dessa contemplação perguntando-lhe se, entre os párocos ali reunidos, se achava o de ***.

"Está, Ilustríssimo Monsenhor", respondeu o capelão.

"Mande-o vir imediatamente", disse Frederico, "e com ele o pároco aqui da igreja".

O capelão saiu e foi ao aposento onde estavam aqueles padres reunidos: todos os olhos volveram-se para ele. Com a boca ainda aberta, com a fisionomia ainda a transparecer tôda daquele êxtase, levantando as mãos e moven-

(Continua)

Natal

Ano Bom

Reis

Para o seu mais útil e lembrado presente de festas, escolha os tecidos de qualidade das

CASAS PERNAMBUCANAS

porque os tecidos das CASAS PERNAMBUCANAS oferecem inúmeras vantagens:

- boa qualidade
- originalidade
- preços baratos.

Portanto, um corte de tecidos das

CASAS PERNAMBUCANAS, como presente de festas, alia o útil ao agradável. Custa pouco e realça o gosto e o valor da oferta.

CASAS PERNAMBUCANAS — Uma filial em cada bairro

INSTITUTO N. SRA. DE LOURDES

Dirigido pelas Irmãs Franciscanas
do Coração de Maria

Pensionato que proporciona, às jovens que freqüentam a Universidade e outros estabelecimentos de ensino de Campinas, um ambiente familiar, como um prolongamento do lar doméstico. — Recebe também senhoras.

Rua Barão de Jaguara, 359 — Tel. 2005
CAMPINAS — S. P.

O MELHOR PRESENTE DE NATAL
para seus filhos é uma assinatura
anual do "Pequeno Missionário".

A revista ideal para os jovens escolares.

É bimensal.

Assinatura: Cr\$ 60,00.

O PEQUENO MISSIONARIO

Caixa Postal 73
JUIZ DE FORA — (Minas)



MOCINHA DO INTERIOR!... Deseja fazer seu estudo ginásial em São Paulo? Então poderá fazê-lo no "GINÁSIO SÃO MIGUEL ARCANJO", em Vila Zelina, dirigido pelas Irmãs Franciscanas da Providência de Deus, residindo no "INSTITUTO NOSSA SENHORA DO CARMO", em Vila Alpina, sob a direção das mesmas Irmãs.

Informações pelo Correio: Irmã Superlora — Caixa Postal 1230 — São Paulo — Capital.